

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABORATÓRIO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM VIGILÂNCIA EM SAÚDE

O TRABALHO DOS AMBULANTES
DO COMPLEXO DA MARÉ – RIO DE JANEIRO

Jozélia de Souza Cabral

Rio de Janeiro

2011

Jozélia de Souza Cabral

O TRABALHO DOS AMBULANTES
DO COMPLEXO DA MARÉ – RIO DE JANEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola Politécnica de Saúde Joaquim
Venâncio como requisito parcial para a
aprovação no Curso Técnico de Nível Médio
em saúde com habilitação em Vigilância em
Saúde

Orientadoras: Marta Gomes da Fonseca
Ribeiro
Co-orientadora: Juliana Amaral

Rio de Janeiro

2011

Jozélia de Souza Cabral

O TRABALHO DOS AMBULANTES
DO COMPLEXO DA MARÉ – RIO DE JANEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola Politécnica de Saúde Joaquim
Venâncio como requisito parcial para a
aprovação no Curso Técnico de Nível Médio
em saúde com habilitação em Vigilância em
Saúde

Orientadoras: Marta Gomes da Fonseca
Ribeiro
Co-orientadora: Juliana Amaral

Aprovada em 15/12/2011

BANCA EXAMINADORA

(Ms. Marta Gomes da Fonseca Ribeiro – FIOCRUZ / EPSJV / LAVSA)

(Ms. Márcio Sacramento de Oliveira – FIOCRUZ / EPSJV / LAVSA)

(Ms. Ieda da Costa Barbosa – FIOCRUZ / EPSJV / LAVSA)

Dedico este trabalho a minha rainha Sueli, ao meu rei Ivanildo e ao meu príncipe Joabe.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus por não ter deixado passar a oportunidade de aprofundar meu tema. Hoje, mais que nunca, tive a certeza que esse era o tema certo pra mim. Obrigada aos meus companheiros de turma que me apoiaram. Agradeço a meu pai, minha grande inspiração, meu camelô preferido. À minha espetacular mãe, que me deu muita força e esteve sempre ao meu lado. Por fim, agradeço as minhas orientadoras Marta e Juliana, por estarem sempre me incentivando a não desistir do meu tema.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar o processo de trabalho dos ambulantes do Complexo da Maré. Foi contextualizado o surgimento do Complexo da Maré, local de residência dos ambulantes, e as transformações do trabalho no Brasil. É apresentado e discutido os pontos positivos e negativos desse trabalho na visão dos ambulantes, bem como os motivos que os levaram a realizar esta atividade. Foram identificados alguns riscos a saúde destes trabalhadores, como a exposição ao sol, o peso das mercadorias, o intenso ruído dos carros, o perigo de atropelamentos, dentre outros.

Palavras-Chave: Trabalhador Ambulante. Saúde. Saúde do Trabalhador. Maré.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Paisagem de ilha	14
Figura 2 Palácio de Manguinhos e arredores	16
Figura 3 Obras na Avenida Central no famoso “bota – abaixo”	18
Figura 4 Vista das Palafitas da baixa do Sapateiro	19
Figura 5 Vista Geral dos Conjuntos Pinheiro e Vila do João	20
Figura 6 Cotidiano na Vila do Pinheiro	21
Figura 7 Divisão das comunidades do Complexo da Maré	22
Figura 8 População Absoluta por Bairro na área de abrangência da AP 3.1	22

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
1.1 JUSTIFICATIVA	10
1.2 OBJETIVOS	11
1.2.1 Objetivos específicos	11
1.3 METODOLOGIA	12
2 RESULTADOS	14
2.1 HISTÓRICO DO COMPLEXO DA MARÉ	14
2.2 TRANSFORMAÇÕES DO TRABALHO	23
2.2.1 Desemprego.....	23
2.2.2 O setor informal	25
2.3 RESULTADOS	27
3 DISCUSSÃO	33
4 CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	38

1 INTRODUÇÃO

O Trabalho sempre foi e será importante na vida das pessoas, porque é através dele que conseguimos suprir as necessidades e nos mantermos vivos. Marx (1818-1883) ao conceituar trabalho afirma que este faz parte do Mundo da necessidade, e que através dele é possível manter a vida biológica e social do ser.

Sendo o trabalho que constitui a realidade humana, e estando a formação humana centrada no trabalho, será, então, o trabalho que garantirá a existência histórica dos homens. Assim, através do trabalho, o homem produz as condições de sua existência, transforma a natureza, cria a cultura e um mundo humano. Este mundo humano ao se ampliar direciona a formação dos homens que ao longo da história vai determinar o modo como será produzida a sua existência.

A sociedade moderna estruturou-se em certa medida a partir do advento do capitalismo, ao revolucionar as técnicas de produção e incorporar os conhecimentos como força produtiva, convertendo a ciência em potencial material, através da indústria. E essa sociedade capitalista tem seu lado negativo, que é exemplificado por Mendes apud Santos (2000), “A pobreza e a desigualdade, são produtos desta forma da produção do modo civilizatório capitalista”

Para Max, o trabalho sofreu uma mudança significativa com o aparecimento da fábrica, pois agora o trabalhador “não se realiza no seu trabalho, antes se nega a si mesmo”, conforma-se a um cenário de imposição que exclui o seu perfil “voluntário”, devido ao distanciamento do lado natural e atrela esse trabalhador a atender a produção em escala comercial.

Neste sentido, o trabalho também passa a adquirir um papel alienador quando, a partir da concorrência do mercado, transporta este trabalhador para distante de sua essência natural, a valoração de sua ação passa a atender uma demanda externa que interfere no processo de produção humana. Neste contexto, as qualidades humanas passam a existir na medida em que existem para o capital, que a ele é alheio, e passa a contribuir exclusivamente para a acumulação de riqueza.

A partir do final do século XX, ocorreram mudanças econômicas, sociais e culturais que culminaram em novos hábitos de consumo, de relações de trabalho e de produção decorrentes do avanço tecnológico na maior parte do mundo. Estes fatores foram decisivos para o aumento do desemprego, pois as políticas adotadas tinham como características a desestabilização dos trabalhadores estáveis, as péssimas condições de trabalho, o desemprego

generalizado, com a desculpa de que esses trabalhadores são desnecessários à produção. Neste contexto, as pessoas que não atendem a expectativa do mercado de trabalho formal encontram no trabalho informal um meio de manutenção da vida.

O comércio ambulante, no que diz respeito às variadas formas de trocas, não é o mais antigo. O escambo foi a primeira forma de trocas, que era usado no Brasil colônia, onde em troca do pau Brasil os portugueses davam bugigangas para que os indígenas cortassem os troncos das árvores e os levassem até as caravelas.

A denominação camelô e ambulante são usadas muitas vezes com o mesmo sentido, porém elas se diferenciam no que diz respeito ao conceito. Existem diferentes conceitos utilizados por diferentes autores classificar esses termos. Dentre as apresentadas abaixo a que mais os ambulantes se identificaram foi a do autor Montessoro. Porém, os ambulantes da Maré utilizam o termo camelô, talvez por ser mais popular, para se caracterizarem.

os camelôs apresentam ponto fixo, trabalham em barracas de boa qualidade e, geralmente, têm autorização oficial para se estabelecerem em um determinado local. Já os ambulantes não apresentam um lugar fixo e suas mercadorias são mais baratas se comparadas às dos camelôs. (KITAMURA, MIRANDA, FILHO apud BERTOLUCCI)

não há distinção entre os termos, mas há uma divisão do comércio informal em três grupos: os fixos que se encontram em áreas estratégicas de grande movimentação, os periódicos que ocorrem em áreas de lazer, instalando-se nos finais de semana e feriados e os ocasionais que aparecem em torno dos comércios formais, em festas comemorativas ou outros eventos que atraíam um grande público.(KITAMURA, MIRANDA, FILHO apud CLEPS)

refere-se aos camelôs como sendo aqueles que já possuem um ponto estratégico para desenvolver suas atividades, seja em bancas nas ruas ou num camelódromo. Quanto aos ambulantes, seriam as pessoas que precisam se locomover para realizarem suas vendas. Porém, não faz nenhuma separação classificatória para efeito de análise.(KITAMURA, MIRANDA, FILHO apud MONTESSORO)

Essa atividade apresenta a venda de produtos industrializados, artesanais ou até mesmo produzidos em empresas clandestinas, ou seja, de fundo de quintal. (CLEPS, 2009). Sejam em formatos de feiras, barracas isoladas ou através dos ambulantes que circulam pelas ruas a fim de encontrar fregueses. Segundo Vargas, H. C. apud Cleps (2001, p.303), os ambulantes “são considerados, muitas vezes, anacrônicos, desinteressantes ou até mesmo perigosos [...], outras vezes fazem a alegria dos turistas”.

Segundo Cleps (2009), a maior parte dos ambulantes presentes na cidade de São Paulo era proveniente da região Norte, Nordeste e do Estado de Minas Gerais. Isso demonstra que essas pessoas vêm para a cidade grande em busca de oportunidades, uma vez que nos seus locais de moradia não conseguem encontrar empregos. E quando chegam se deparam com a

mesma situação de desemprego e vêem no trabalho ambulante uma “válvula de escape”. Essa visão de que o trabalho ambulante funciona como uma válvula é defendida por Oliveira apud Costa (1989)

A questão reside na expectativa que cada administração tem em relação à cidade, onde cada fenômeno pode ser visto de forma isolada ou contextual. (...) o comércio ambulante, apesar de contraventor, não só tem funcionado como um escape ao desemprego ou a outros desequilíbrios socioeconômicos, como também tem desenvolvido ramos da economia paralela que cumprem funções importantes na produção da cidade, e a consideração desse aspecto interfere diretamente nas políticas de intervenção exercidas em cada administração.

Uma característica presente no ambulante é o contato direto com o consumidor, o qual é convencido a comprar o produto devido à insistência do ambulante, que procura cativar o freguês de forma animada. Esse comércio direto faz com que o produto seja vendido sem o processo de especulação característico, sem as taxas, impostos e licenças que deveriam ser pagas. Esse fato cria uma visão negativa desse comércio, sendo considerados pela sociedade “um indivíduo sem raízes e explorador da ingenuidade alheia”. (CLEPS, 2009)

Assim, os trabalhadores ambulantes são encarados como um empecilho ao correto funcionamento econômico do Estado, acarretando uma diminuição dos impostos arrecadados, a desestabilização dos comerciantes devido à concorrência com os ambulantes, e há desordem “comercial”, pois os ambulantes não têm estrutura de venda padronizada.

De acordo com Cleps (2009), o comércio ambulante é visto como um “mal necessário”, uma vez que esta atividade afasta os desempregados da criminalidade. Na medida em que essa atividade se desenvolve, ela cria regras, passa por cima de outras, redefine os espaços, e nesse sentido faz do ambiente urbano uma expressão das relações sócio-culturais presentes nas cidades. Porém, a sociedade, muitas das vezes, não vê a importância dessa atividade no dia-a-dia da cidade.

1.1 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema de estudo – trabalhador ambulante - surgiu pelo fato de existir na localidade onde a pesquisadora mora uma grande quantidade de vendedores ambulantes, incluindo o pai da pesquisadora, que na maioria das vezes vendem seus produtos nas linhas amarela e vermelha.

O vendedor ambulante está presente em diversos locais do nosso cotidiano, como por exemplo, no trem, no ônibus, na praia. Assim, o trabalho ambulante torna-se importante por

ser, atualmente, o meio de geração de renda para muitas famílias. Neste sentido, a informalidade passa a ser encarada como uma forma de ocupação das pessoas desempregadas, que necessitam realizar uma atividade econômica para sobreviver.

Os produtos ofertados são variados, vai desde alimentos até vestuários. No Complexo da Maré, os ambulantes são característicos por venderem biscoitos, chocolates, pipocas, peles, água e refrigerantes nas principais vias de tráfego do Rio de Janeiro, as linhas Amarela e Vermelha.

Esses trabalhadores ambulantes vendem seus produtos no entorno de algumas comunidades do Complexo, como a Vila dos Pinheiros, Morro do Timbau e Baixa do Sapateiro. Realizam suas atividades em condições precárias, expostos a diversos riscos a saúde devido à intensa exposição ao sol, o grande peso das mercadorias, a exposição à poluição do ar, aos intensos ruídos dos veículos que trafegam por essas vias e também o perigo de ocorrerem acidentes de trabalho, como atropelamento. Por isso a importância deste trabalho, no sentido de investigar as condições laborais dessa parcela da população.

Assim, este estudo busca compreender o motivo da escolha desses moradores da Maré em trabalharem como ambulantes, como acham que são encarados pela sociedade e se eles reconhecem algum tipo de importância no trabalho que desenvolvem.

1.2 OBJETIVO GERAL

O objetivo deste estudo é analisar o processo de trabalho dos ambulantes do complexo da Maré na cidade do Rio de Janeiro, explicando como foi feita a escolha dessa atividade na vida dos ambulantes entrevistados, as vantagens e os pontos negativos desse trabalho, como é feita a sua organização, enfim, serão abordados diversos aspectos característicos ao ambulante.

1.2.1 Objetivos Específicos

- Compreender o contexto histórico do Complexo da Maré, local onde estes ambulantes residem e trabalham;
- Contextualizar o surgimento desse tipo de trabalho dentro do sistema capitalista;
- Identificar os riscos à saúde a que esses ambulantes estão expostos.
- Compreender a percepção desses trabalhadores sobre os riscos à saúde no cotidiano do trabalho.

- Identificar a questão do estigma (preconceito) que envolve essa forma de trabalho.
- Identificar os motivos que levaram esses trabalhadores a serem ambulantes.

1.3 METODOLOGIA

Para realização desta pesquisa foi utilizada a metodologia qualitativa que segundo Minayo (2007, pág. 21 - 22),

responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Nesta abordagem qualitativa, foi analisado e interpretado, o fenômeno do trabalho ambulante na Maré. Portanto, é uma pesquisa que não se prendeu a uma análise quantitativa, e sim a questões de ordens sociais e pessoais dos ambulantes, suas opiniões, que juntamente com as pesquisas bibliográficas e a observação de campo auxiliaram na composição e conclusão deste estudo.

É necessário ressaltar que foram realizadas duas entrevistas, ou seja, não é um número expressivo, uma vez que esses entrevistados não representam a opinião de todos os ambulantes que trabalham no Complexo da Maré. Porém foi de suma importância para a elaboração deste trabalho. Sendo o objeto desta pesquisa os trabalhadores que residem na Maré, foi realizada a revisão bibliográfica em livros, teses e em sites da internet a fim de encontrar dados referentes à história do complexo da Maré e a trajetória do trabalho ambulante no Rio de Janeiro.

Foram realizadas duas entrevistas abertas com os trabalhadores ambulantes. O critério de escolha foi aleatório, sendo entrevistado quem estiver de acordo com o termo de consentimento à Pesquisa. Para facilitar o acesso dos entrevistados, a entrevista aconteceu numa das salas da paróquia Nossa Senhora dos Navegantes localizada no complexo da Maré sendo o pai da pesquisadora responsável por ter feito contato com os trabalhadores ambulantes para marcar o local, data e horário para as entrevistas. Estava presente no local das entrevistas a pesquisadora, seu pai juntamente com as orientadoras da pesquisa.

A escolha em ter feito entrevistas abertas é por acreditar que o trabalho não ficará limitado ao saber e a interpretação da pesquisadora. Através das entrevistas com esses trabalhadores, a pesquisa ficou mais rica e contribuiu para uma melhor exploração do tema e

dos objetivos. Isso pode ser confirmado segundo Minayo (2010, p.65), na qual declara que as entrevistas: “[...] referem-se a informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo entrevistado e tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia”.

Para a realização da entrevista foi apresentado ao entrevistado o termo de adesão à Pesquisa como consta na portaria 96/1996 do Ministério da Saúde que regulamenta as pesquisas nacionais com seres humanos.

2 RESULTADOS

2.1 HISTÓRICO DO COMPLEXO DA MARÉ

Por volta de 1500, quando os portugueses chegaram ao Brasil, o Complexo da maré fazia parte da Baía de Guanabara e era caracterizado por possuir manguezais, ilhas e praias, seu litoral era formada pela Enseada de Inhaúma, a Praia de Inhaúma, a Ponta do Tibau, Ponta da Pedra e a Praia do Apicum. Esse litoral se localizava próximo a um arquipélago composto pelas Ilhas do Pinheiro, Sapucaia, Bom Jesus, Pindaís, Fundão, das Cabras, Baiacu e Catalão, próximas à Ilha do Governador.

Na época do descobrimento do Brasil, a região da Maré era habitada pelos índios Tupi-Guarani, que tiveram como ancestrais os índios Tupinambás. Nessa época, Amador apud Vieira (p.02), existia cerca de 50 a 40 aldeias Tupis-Guaranis ao redor da Baía de Guanabara. Essa região da Bahia de Guanabara foi habitada há muitos anos atrás por coletores e pescadores devido à grandiosidade dos recursos provenientes da Baía de Guanabara. A região caracterizava-se pela predominância dos manguezais, das elevações, das Ilhas e pela grande vegetação, destacando a presença do pau-brasil.



Figura 1- Paisagem de ilha, c. 1885, Marc Ferrez
Fonte: VIEIRA, p.03.

Segundo Amador apud Vieira (p.03-04),

A paisagem em 1500 deveria ser magnífica. Um conjunto de ilhas tropicais cobertas por um denso arvoredo, com algumas praias arenosas e por entre as ilhas águas mornas circulando, límpidas. Alguns índios fazendo a coleta de moluscos, enquanto outros em ubás pescavam robalos, tainhas e xaréus, no amplo estuário orlado de manguezais, entrecortado de canais neândricos, de marés e gamboas. No fundo raso dos canais, estrelas e ouriços do mar atapetavam o leito, por entre cardumes de camarões [...]O conjunto da Enseada de Inhaúma possuía o cenário de um verdadeiro paraíso tropical (um conjunto de ilhas tropicais coberto por um denso arvoredo, rodeada por praias arenosas e manguezais) que, por ironia, é atualmente a área mais degradada de toda a baía.

As denominações de algumas comunidades existentes no Complexo da Maré sofreram influências dos povos indígenas e persistiram ao longo do tempo. Essas denominações ainda estão presentes na língua dos Tupi-Guaranis, algumas delas são: Inhaúma, Timbau, Catalão, Sapucaia. Atualmente a palavra Timbau é usada para dar nome ao Morro do Timbau, que atualmente, está localizado em frente à Linha Amarela e a comunidade Vila dos Pinheiros.

A única maneira que os portugueses encontraram para se “relacionar” com o território, foi através da exploração do pau-brasil, utilizado como corante de papel e tecido desde a Idade Média e muito valorizado na Europa. Essa árvore era conhecida pelos índios como “ibirapitanga”, “pau-vermelho” muito encontrada no litoral do Brasil, incluindo a Guanabara. A retirada do pau-brasil tem início em 1503, através da concessão portuguesa dada a Fernão de Noronha. Foi a primeira forma de destruição da vegetação realizada pelo homem, que por consequência levou os índios a se refugiarem no interior.

As viagens ao litoral brasileiro são incertas e problemáticas, ainda não se sabe ao certo o responsável por confundir a barra da Baía com um grande rio e denominar o lugar como Rio de Janeiro, esse fato tem como responsáveis os navegadores D. Nuno Manuel ou André Gonçalves, responsáveis por uma pequena expedição a costa e tendo como piloto Américo Vespúcio.

Começaram a chegar habitantes franceses na Baía de Guanabara em busca de riquezas. Eram chamados de “aiurujuba” por causa da comparação com um papagaio amarelo, já que falavam muito e eram louros. Para evitar a concorrência estrangeira, os portugueses enviaram a expedição de Martin Afonso de Souza para criar núcleos de povoamento, dando início a colonização.

Com a implantação das sesmarias, a coroa portuguesa almejava um controle político e territorial do Brasil como poderosa colônia fornecedora de riquezas. Além disso, implantou a

agro-manufatura do açúcar nas regiões litorâneas, responsável por formar uma estrutura social composta de colonos, grandes proprietários e escravos.

O porto de Inhaúma foi muito importante, pois escoava as produções de açúcar e aguardente produzidos nos engenhos para o Centro da cidade. Durante o apogeu açucareiro o porto era muito movimentado, recebia desde barcos a remo, de carga e de passageiros. Além do Centro do Rio, esse porto comunicava o Caju, São Cristóvão e Ilhas próximas ao litoral de Inhaúma.

Porém, a partir de meados do século XIX o porto foi entrando em decadência devido aos intensos processos de assoreamento do litoral, a transformação das grandes propriedades em arrendamentos bem menores e também por causa da inauguração das estações ferroviárias de Amorim, Bonsucesso e Penha. O local onde se localizava o Porto de Inhaúma foi ocupado pela colônia de pescadores Z-6, mas com os sucessivos aterros deixou de existir, habita somente na memória dos moradores mais antigos.

A região do litoral de Inhaúma foi o local onde se instalou o Instituto Oswaldo Cruz. Considerado uma Instituição muito importante acabou por chamar atenção da cidade para essa região, que precisava de uma melhor infra-estrutura e melhores meios de transporte, devido à importância do Instituto.



Figura 2 - O Palácio de Manguinhos e arredores. d.1910. Acervo Casa de Oswaldo Cruz
Fonte: VIEIRA, p.32

Um exemplo é um artigo de 1913 que foi publicado no *Cosmopolita* por um jornalista de Bonsucesso.

Este gigantesco palácio, esta obra prima de ciência e arte, representa uma jóia de incomensurável valor, engastada na coroa de um selvagem; podemos afirmar, sem receio, que a maioria da população carioca não o conhece, e a que o conhece é mais de nome (...) tem o frontispício voltado para o litoral onde tem seu porto privativo; todo o vasto patrimônio está cercado, sendo a entrada proibida. Já se vê que tão bem guardada jóia não está ao alcance das vistas de qualquer mortal; não há um caminho marítimo que lhe passe pela frente, não há uma rua que lhe passe próximo, apenas um caminho circunda a propriedade e permite que o transeunte curioso veja as torres e parte de algumas faces. O que desejamos é que ele sirva de desenvolvimento e de progresso à zona em que está situado; que o governo resolva franqueá-lo ao público, ao menos uma vez por semana, mas também se resolva a abrir uma via de comunicação que passe pela frente do edifício. (AUTOR DESCONHECIDO apud Vieira p.33-34)

Dessa forma o Instituto Oswaldo Cruz foi importante no sentido de colaborar para o desenvolvimento das áreas situadas no seu entorno, que atualmente compreende uma parte do Complexo da Maré, como a comunidade da Vila do João. Essa área seria utilizada como depósito do lixo gerado na cidade ou como uma estação de tratamento de águas fecais, porém com o Instituto essa história mudou, ele se tornou o maior Instituto de medicina experimental da América Latina, realizando pesquisas importantes no âmbito da saúde pública, além de produzir imunobiológicos utilizados pelo Brasil e, inclusive, por outros países.

Em 1902, Francisco Pereira Passos é nomeado prefeito do Distrito Federal e se depara com uma situação precária. Inúmeras epidemias de cólera, varíola, pessoas desabrigadas que viviam nos “cortiços” superlotados e ainda um agravante maior, não existia um sistema de abastecimento de água nem um sistema de tratamento de esgotos eficiente. No seu governo a cidade vai passar por várias obras, a fim de que fique parecida com a arquitetura parisiense. Exemplos dessas obras são a criação de um sistema de abastecimento de água e ampliação do sistema de esgotos no Rio de Janeiro, os charcos e mangues são aterrados, ocorre uma destruição das moradias coletivas, os chamados “cortiços”, entre outras mudanças. A região Central se desenvolve, porém a população pobre que vivia nos cortiços localizados nesta região Central fica sem moradia.



Figura 3-Obras na Avenida Central no famoso “bota - abaixo”. a. Augusto Malta. d.1903. Acervo do Arquivo Geral da Cidade.

Fonte: VIEIRA, p. 37

Nos anos 40, a cidade do Rio de Janeiro por estar desenvolvendo o setor industrial, recebeu diversos migrantes nordestinos que vinham em busca de empregos e melhores condições de vida, uma vez que sofriam devido à falta de acesso a terra, os baixos salários e as condições de miséria em que viviam. Como no subúrbio a especulação imobiliária estava a todo vapor, restou para esses migrantes irem para as regiões de encostas e as áreas alagadas no entorno da baía de Guanabara. Com essa grande quantidade de imigrantes se agravou o problema da falta de moradias e de políticas urbanas e habitacionais. O governo reagiu de forma repressiva, criou medidas de controle e remoção para proibir o aumento das favelas, criou – se a Fundação Leão XIII e a Guarda Municipal.

Os primeiros moradores da Maré trabalharam na construção da Av. Brasil, que já se chamou “Variante Rio-Petrópolis”. Essa avenida foi importante no sentido de criar um cinturão industrial às suas margens, e também oferecer condições favoráveis ao surgimento das comunidades da Maré. A partir de sua inauguração em 1946 a Av. Brasil, facilitou a locomoção dos moradores até seus locais de trabalho, propiciou a chegada dos materiais de construção dos aterros, das casas e dos barracos onde hoje se localiza a Maré .Entretanto, ao atravessarem esta pista, a Avenida Brasil, para irem ao outro lado de Bonsucesso em busca de água, compras e etc., muito moradores morreram atropelados.

Foram construídas palafitas, que são barracos de madeira feitos sobre a lama e a água, no final da década de 40, evidenciando o aparecimento de uma população onde atualmente está localizada a comunidade da Baixa do Sapateiro (1947), Parque Maré (1953) e o Morro do

Timbau (1940), este último era o único de terra firme. A comunidade Baixa do Sapateiro caracterizava-se por apresentar uma imensa vegetação de mangues sendo considerada uma das mais antigas. A área do Parque Maré era composta por lamas, pelos mangues e pelo movimento das águas. Estas construções se espalharam por toda a área da Maré e só foram deixadas de lado no início dos anos 80.



Figura 4 - Vista das Palafitas da baixa do Sapateiro. s/d. s/a. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Fonte: VIEIRA, p.53

A criação da Avenida Brasil, em 1946, facilitou a ocupação da área da Maré e propiciou a construção de novas comunidades na década de 50, chamadas de Rubens Vaz (1961) e Parque União (1961). A comunidade Rubens Vaz teve sua história iniciada em 1951 com os primeiros barracos. Era uma área composta por uma grande quantidade de areia, proveniente da drenagem e canalização do Canal da Portuária. Recebeu esse nome em homenagem ao major Rubens Vaz, assassinado em um atentado. A comunidade Parque União surgiu a partir do arruamento e a demarcação dos lotes de um terreno não ocupado, feito por Margarino Torres e sua equipe. Nesse momento já não existiam locais para construção de casas no Parque Rubens Vaz.

As casas, na maioria das vezes, não tinham luz elétrica, apresentavam péssimas infra-estruturas. No começo, para conseguir luz elétrica eram feitas ligações clandestinas, posteriormente a energia elétrica era comprada pelos moradores e fornecida por cabines onde ficava os medidores da empresa LIGHT. Por fim, o governo criou as comissões de luz. Para

se conseguir água existiam bicas responsáveis por puxar clandestinamente água dos ramais, já o esgoto era despejado ilegalmente nas galerias construídas pelo governo de Carlos Lacerda

Na década de 60 houve uma grande quantidade de desabrigados devido às obras do Governo Estadual de Carlos Lacerda. Esta obra provocou mudanças na zona sul da cidade, e umas das conseqüências previstas era o fim das favelas lá existentes. Muitas dessas pessoas foram alocadas em habitações provisórias construídas na Maré, um conjunto dessas habitações formou a comunidade chamada Nova Holanda (1962).

Nos anos 80 o Complexo da Maré sofreu uma grande intervenção do governo Federal, foi o Projeto Rio. Este projeto visou o aterramento das regiões alagadas e a construção de moradias para abrigar os antigos moradores das palafitas. Essas regiões formam a atual Comunidade da Vila do João (1982), Vila dos Pinheiros (1989), Conjunto Pinheiro (1989) e Conjunto esperança (1982). O novo conjunto habitacional, a Vila do João, abrigou os moradores cujos barracos tinham sido derrubados pelo projeto Rio. Recebeu essa denominação em homenagem ao então presidente da República João Batista Figueiredo, responsável pela sua inauguração durante a campanha para o governo do Estado em 1982.



Figura 5 - Vista Geral dos Conjuntos Pinheiro e Vila do João, onde outrora ficava a enseada de Manguinhos. 1998. Bergher. Acervo CEASM.

Fonte: VIEIRA, p.75

A Ilha do Pinheiro, localizada na enseada de Inhaúma e de propriedade do Instituto Oswaldo Cruz, foi retomada pela União a fim de construir novas habitações para a população. Essas casas foram feitas de forma parecida com as da Vila do João, resultando na eliminação das Palafitas na região da Maré. Dentro da Vila do Pinheiro foram construídos apartamentos

para as pessoas com uma renda maior, com o dinheiro arrecadado pretendia-se custear o Projeto Rio. Essa parte passou a se chamar Conjunto Pinheiro, sendo ocupada em 1989.

O reconhecimento como bairro veio de fato com a instalação da 30ª Região Administrativa, ou seja, a primeira R.A que foi localizada em uma favela no ano de 1988. Para abrigar os moradores de outras partes da cidade que estavam em áreas de risco foram construídas nos anos 80 e 90 as comunidades: Nova Maré (1996) e Bento Ribeiro Dantas (1992). As residências construídas tinham uma estética própria inspirada no pós-modernismo, foram utilizados tijolos e concreto aparentes, diferentemente dos prédios modernistas do Conjunto Pinheiros. E por fim a comunidade Salsa e Merengue, inaugurada no ano 2000 é considerada uma extensão da Vila dos Pinheiros e recebeu esse nome devido a uma novela famosa da época.

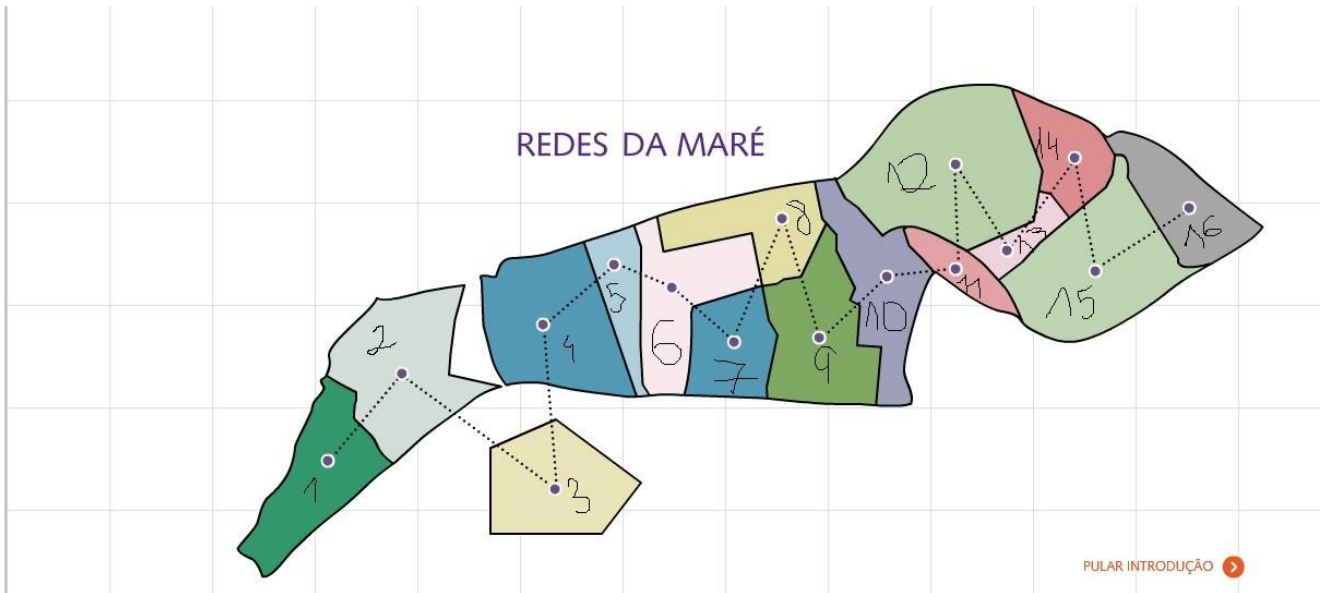


Figura 6 - Cotidiano na Vila do Pinheiro, tendo ao fundo o novo Conjunto da Prefeitura apelidada “Salsa e merengue”. 1998. Bergher. Acervo CEASM.

Fonte: VIEIRA, p.78

No dia 19 de janeiro de 1994, a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro criou o bairro Maré a partir da Lei Municipal 2.119, segundo o senso do IBGE em 2010 a Maré tinha 129.770 habitantes (Figura I). O bairro recebeu esse nome devido ao fato de suas construções serem construídas ao longo da Baía de Guanabara e caracterizadas por uma densa vegetação de manguezal. É composto por dezesseis sub-bairros, alguns deles foram citados anteriormente e podem ser identificados na figura II: Praia de Ramos (01), Roquete Pinto (02), Conjunto Marcílio Dias (03), Parque União (04), Parque Rubens Vaz (05), Nova Holanda (06), Parque Maré (07), Nova Maré (08), Baixa do Sapateiro (09), Morro do Timbau

(10), Conjunto Bento Ribeiro Dantas (11), Vila do Pinheiro (12), Conjunto Pinheiro (13),



Conjunto Novo Pinheiro, Salsa e Merengue (14), Vila do João (15) e Conjunto Esperança (16).

Figura 7- Divisão das comunidades do Complexo da Maré.

Fonte: Redes de Desenvolvimento da Maré, 2011.

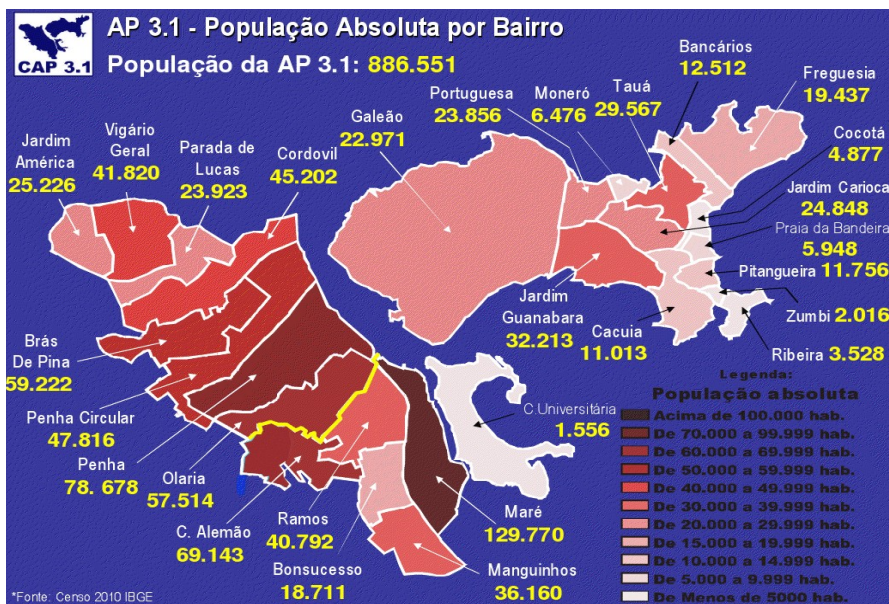


Figura 8 - População Absoluta por Bairro na área de abrangência da AP 3.1

Fonte: <http://cap31.blogspot.com/2011/07/mapa-da-ap-31-com-populacao-atualizada.html>,2011

2.2 TRANSFORMAÇÕES DO TRABALHO

De acordo com Lima apud Marx (2009) o capitalismo é fundado a partir da exploração do trabalho assalariado, que tem na produção de mercadorias a parte fundamental do seu funcionamento, a produção de valor. O aumento da produção de valor se consolida com a extração da mais-valia, processo em que se retira o valor de uso da força de trabalho, ou seja, parte do trabalho não pago. Com a mais-valia, é possível investir novamente na produção para que ocorra um crescimento na acumulação e produção capitalista, porém, as necessidades humanas de reprodução são deixadas de lado. (Lima apud Marx, 2009).

A utilização da força de trabalho é a ferramenta essencial para a acumulação do capital, porém o trabalhador não tem a chance de usufruir dos efeitos da ampliação capitalista. Em decorrência desses fatores surge um exército industrial de reserva, composto por uma massa de desempregados. O crescimento do exército de reserva e a diminuição da massa salarial dos trabalhadores impedem o consumo destes em relação à produção capitalistas. Assim, é perceptível a formação de uma crise de superprodução dentro do sistema, apesar de existir um grande contingente de pessoas vivendo em meio à miséria. (LIMA, 2009, p.9,10). De acordo com Marx apud Lima (2009) esse fenômeno, da superprodução, é constituinte da lei do capitalismo, a qual afirma que a massa de trabalhadores se encontra subordinada aos interesses do capital.

Os últimos anos do século XX foram marcados por diversas características, dentre elas temos o desenvolvimento do comércio internacional, da tecnologia e adoção de políticas liberais, em que há alteração do papel do Estado na economia, desregulação dos mercados de capitais, do trabalho e financeiros. Essas políticas liberais estimulam a disputa intercapitalista, mas não é efetiva no sentido de contribuir para o dinamismo da economia mundial. Assim, a globalização das economias tem sentido negativo, pois aumentam as desigualdades sociais mundiais. (Unctad apud Pochmann, 2001)

2.2.1 Desemprego

Segundo Pochmann, 2001, com a Abolição da Escravatura e a partir da Revolução de Trinta, período em que a industrialização nacional se desenvolveu, o trabalho assalariado foi se instalando na sociedade, sendo um importante difusor do crescimento econômico. Só havia alterações no emprego assalariado quando a economia passava por um momento instável,

como o período da Grande Depressão (1929-1932) ou, por exemplo, o período de Recessão (1980-1983).

Porém, nos anos 90 houve uma diminuição da expansão econômica nacional, influenciando na mudança da composição das ocupações assalariadas. Para exemplificar este fato, nos anos 40 e 70 a cada dez postos de trabalho, dois não eram assalariados e sete tinham o registro formal, já nos anos 90, desses dez empregos criados, somente dois eram assalariados, mas sem registro formal, demonstrando assim que ocorreu um aumento do trabalho não assalariado. (POCHMANN, 2001)

Essa diminuição do trabalho assalariado formal implica no aumento da precarização das condições e relações de trabalho. Isto ocorre porque esse trabalho vinha acompanhado de um conjunto de regras de proteção social e trabalhistas, permitindo uma qualidade das ocupações geradas no país. No Brasil, as ocupações não assalariadas representam uma das novas formas de se inserir no mundo do trabalho. Esse trabalho por conta própria, é conhecido como autônomo e é caracterizado pelas condições de trabalho precárias e remuneração moderada.

De acordo com Souza e Singer apud Pochmann 2001, a maior parcela excedente de mão de obra de cada país está visível no desemprego aberto enquanto a parcela menos visível é apresentada nas diferentes formas de organização primitiva da produção e de sobrevivência da população ativa. O desemprego aberto é relativo às pessoas que estão sem nenhuma atividade e procuram por vagas nas ocupações existentes. O subemprego e outras formas de manutenção da vida compõem a parcela menos vista do excedente de mão de obra, compreendendo os trabalhadores que realizam “bicos” e que também estão em busca de trabalho.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) órgão responsável pela medição do desemprego no país através do senso demográfico, realizado de dez em dez anos e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). A metodologia utilizada classifica como desempregado somente as pessoas que “além de ter procurado emprego durante o período de referência da pesquisa, se encontrava apto para o exercício imediato de uma vaga, sem ter trabalhado nem mesmo uma hora durante a semana da pesquisa”. Acaba havendo uma “subestimação” na quantidade de desempregados, assim, pode-se dizer que as pessoas que lavam um carro, que não procuram emprego (inativas) no período da pesquisa ou que se consideram autônomos não são consideradas desempregadas. (POCHMANN, 2001)

2.2.2 O setor informal

Segundo Geisa Daise Gumiero Cleps (2009) o crescimento da economia informal não deve ser encarado como uma crise do desenvolvimento econômico. Estudos indicam que esse setor informal tende a crescer em paralelo aos setores mais desenvolvidos da economia. O setor informal teve sua expansão desde o final do século XX. As mudanças econômicas, sociais e culturais que ocorreram nessa época na maior parte do Mundo, os novos hábitos de consumo e de relações de trabalho e produção decorrentes do avanço tecnológico foram fatores decisivos para o aumento do desemprego.

De acordo com Melo e Teles (2000), é perceptível a precariedade das relações de trabalho no município do Rio de Janeiro, e é evidente que a partir dos anos 90 o trabalho informal não apenas era visto como algo transitório, mas como uma forma de trabalho já inserida na sociedade capitalista. As pessoas que não atendem a expectativa do mercado de trabalho formal encontram no setor informal um meio de manutenção da vida. É importante salientar que o setor informal compõe-se de atividades mais “simples”, como a dos ambulantes, mas também abarca um contingente de técnicos especializados e liberais que ganham um alto salário.

O trabalho informal apresenta um custo cerca de 50% menor, em relação ao trabalho formal, para as empresas. Isso porque esta forma de emprego é considerada ilegal, o contratante não paga 13º salário, férias, dentre outras coisas que a lei exige. E ainda, tanto o patrão quanto o funcionário na maioria das vezes não contribuem para a previdência social nem para o fundo de garantia. Ou seja, a necessidade de arranjar um emprego influencia que o trabalhador aceite realizar sua função nessas condições. (CLEPS, 2009)

Essas mudanças no mercado de trabalho provocam mudanças nos espaços urbanos. Os centros, onde se tratava de negócios e onde a elite da sociedade residia, passa a abrigar um contingente populacional responsável pela formação de um comércio popular. Esse comércio é organizado pelo poder público na forma de “shoppings populares” ou “camelódromos”. Isso pode ser reforçado pela citação abaixo:

O processo popularmente chamado de “decadência” ou “deterioração” do centro consiste no seu abandono por parte das camadas de alta renda e em sua tomada pelas camadas populares. Esse abandono apresenta diversos graus de intensidade nas várias metrópoles brasileiras [...]. (VILLAÇA apud CLEPS, 2001, p. 277)

A Teoria dos dois circuitos de Milton Santos apud Menezes (2001) que compõe o sistema econômico justifica as divisões encontradas nos espaços urbanos subdesenvolvidos. O

Circuito Moderno é constituído por aqueles que têm condições de desfrutar dessas tecnologias. O Circuito inferior, como é de se esperar, é formado pela parcela excluída dessa modernização. Ainda existe um Circuito Marginal que se constitui através de características dos circuitos descritos acima.

A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas no consumo. Essas diferenças são a causa e o efeito da existência, ou seja, da criação ou da manutenção, nessas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços. (SANTOS apud MENEZES, 2001)

Essa fragmentação econômica é decorrente da posição de dependência do país nas relações econômicas modernas. Fato este que gera uma desigualdade, uma vez que a maior parte da população não tem acesso a essas relações. Segundo Milton Santos apud Menezes (2001) o trabalho constitui a base fundamental do circuito inferior. O número cada vez maior e a diversidade de produtos do comércio dão oportunidade de criação de um espaço de consumo gerador de um mercado de trabalho responsável pela sobrevivência dos habitantes mais pobres das cidades.

Assim, o mercado informal, na maioria das vezes, é caracterizado pelas profissões que não estão dispostas nas legislações comerciais e trabalhistas. Geralmente não participam da economia moderna que comanda o país, e dentre essas profissões estão a dos camelôs e ambulantes. Para outros autores, como por exemplo, Claudio Salvadori Dedecca, 2007, o mercado informal é um setor mais amplo. Caracterizado por baixa produção e organização.

A noção de setor informal como já citado, relaciona-se às atividades econômicas cuja estratégia é a simples sobrevivência das pessoas por elas envolvidas. Já a de informalidade diz respeito às ocupações sem proteção social, isto é, que não contribuem para os sistemas nacionais de previdência social e para os demais fundos públicos da política social. (DEDECCA apud MENEZES, 2007)

O circuito inferior da economia se diferencia do mercado informal porque o circuito inferior é mais amplo. Além de trabalhar com a dimensão e organização da atividade, como o mercado informal, este circuito utiliza-se do conceito de poder para o estudo das relações econômicas modernas, envolvendo a formação de um espaço desenvolvido e subdesenvolvido, tanto na relação entre países, como também questões internas desses locais.

Dessa forma é importante a utilização desse conceito para entender o funcionamento dos espaços dos países subdesenvolvidos, os quais as dificuldades, como a falta de dinheiro implicam na própria existência das pessoas que neles vivem e influenciam na formação dessas profissões na sociedade.

2.3 RESULTADOS

Os trabalhadores ambulantes do complexo da Maré trabalham, na maioria das vezes, em dois turnos: no período da manhã e no período da tarde, que são os períodos que mais engarrafam. Este fato pode ser explicado pelo fluxo de automóveis que passam nesses períodos, na manhã quando as pessoas estão indo para o trabalho, ou até mesmo para a faculdade na Cidade Universitária (UFRJ), e a tarde quando estão retornando para suas casas. Porém, se estiver engarrafado o dia todo, eles trabalham o dia todo, afirmou o entrevistado I, que além das pistas, também trabalha como ambulante nas praias, nos estádios de futebol, entre outros.

O primeiro entrevistado afirma ter escolhido este trabalho por falta de opção, além de afirmar que o retorno financeiro é bom. O segundo entrevistado escolheu trabalhar como vendedor ambulante após ter trabalhado trinta e três anos de carteira assinada exercendo a profissão de mecânico de refrigeração e também já trabalhou em óticas.

Condições financeira porque o retorno é bom e ... falta de opção também, falta de opção [...] O retorno, liberdade né ... e ... e ter opção também de pra ta em todo canto, ta na linha amarela, ta na linha vermelha, ta no Maracanã, ta na praia. Entendeu? eu não consigo ficar preso num emprego. [...] no engarrafamento, você faz teu dinheiro (Entrevistado I)

Agente trabalhando, agente tem dinheiro todo dia ne...pelo menos eu tenho meu dinheiro todo dia fazer o que eu quero, conforme eu e outros também, todo dia ce tem dinheiro, você não tem esse problema de ficar recebendo por mês, por semana, por quinzena, [problema] de depender né, depender de patrão, eu já fui muito dependente de patrão agora eu não quero mais. (ENTREVISTADO II)

O primeiro entrevistado atua como ambulante há uns quinze anos. Antes, trabalhou em uma financeira e em uma loja de material de construção. Atualmente só aceitaria mudar de emprego se ganhasse um salário muito bom. A fala desse entrevistado reflete a situação do emprego no Brasil, o qual a população reclama dos baixos salários, inclusive o entrevistado I já trabalhou ao mesmo tempo na financeira e como ambulante. Atualmente só atua como ambulante e afirma que o bom dessa profissão é a liberdade que se tem para fazer seus

horários e ir trabalhar no local de preferência, seja na linha Vermelha, Amarela, na praia, enfim.

Afirma que esse trabalho é a maneira que ele encontrou para não ficar parado, mesmo já estando aposentado há oito anos. Esse entrevistado se sente bem em trabalhar na Linha Vermelha e Amarela porque é um lugar próximo de sua residência, ele diz que já está acostumado com o ambiente cheio de companheirismo e afirma não ter ambição para exercer ou procurar outros tipos de ocupações, porque há uma maior facilidade para você ter dinheiro todos os dias e gastar como quiser e também envolve a questão da liberdade de não depender de patrão, assim como afirmou o I entrevistado “*É eu não tenho horário pra pegar, não tenho hora pra largar, não tenho hora pra acordar, ninguém pra me mandar...*”.

Em relação às dificuldades enfrentadas pelos ambulantes, está a discriminação, que segundo o entrevistado I é feita pelos mais pobres e está presente no dia-a-dia desses trabalhadores. Este entrevistado apontou que acontece sempre de alguns motoristas trancarem a porta dos carros quando os ambulantes se aproximam. Em relação às dificuldades enfrentadas pelos ambulantes na pista, as opiniões do segundo entrevistado não se distanciaram da realidade mostrada na primeira entrevista. O entrevistado II disse ter pessoas que apresentam um olhar diferenciado para com eles, pensam que eles são envolvidos em algum procedimento ilícito. E as pessoas da própria comunidade, assim como na outra entrevista, julgam esses ambulantes devido à profissão.

Os mais pobre discrimina. Passa um carrão pra comprar o carrão não discrimina os mais pobre com carro velho sempre discrimina. Acha que você vai robar outras coisa mais [...]a discriminação é muito grande, todo mundo, 80 por cento das pessoas que trabalham ali é discriminado pow, mulher eles acham que é prostituta e homem eles acham que é ladrão.[...] Tá sempre acontecendo, de o pessoal passar e parar o carro do lado e você escutar o barulho da tranca da porta, do pessoal trancando a porta do carro, quando vai oferecer, tranca a porta. (ENTREVISTADO I)

pensam que todo camelo é envolvimento né, nem todos né, mas alguns fecha os vidros pra gente, e ta aberta quando agente chega perto fecha.[...] Eles julga, trabalhando de camelo, num sei que lá. É melhor trabalhar de camelô do que fazer outras coisas né, num ta tirando nada de ninguém. (ENTREVISTADO II)

Ainda em relação às dificuldades enfrentadas esse entrevistado afirma que as mulheres que trabalham como ambulantes são vistas como prostitutas e os homens como ladrões, e que as pessoas da própria comunidade os tem como mendigos, pois não sabem o quanto os ambulantes ganham. Outro problema encontrado por esses trabalhadores, e que foi relatado em uma das entrevistas, são as guerras ocorridas no Rio de Janeiro, quando tem tiroteio ou alguma operação policial nas comunidades. Isso pode ser encarado como reflexo do receio da

população em passar nessas vias de circulação que cortam as comunidades do Complexo da Maré.

Dificuldade... dificuldade no engarrafamento época de guerra no Rio de Janeiro. Quando tem tiroteio em alguma favela ai num engarrafa. Se tiver tiroteio aqui, por aqui ai num engarrafa aqui ai eu tenho que ta saindo daqui pra ir pra trabalhar no Maracanã, se tiver tiroteio no morro dali eu tenho que sair dali pra trabalhar na Gávea. Só quando tem tiroteio alguma operação assim. (ENTREVISTADO I)

Foi comentada também a existência de usuários de drogas, que se misturam entre os ambulantes a fim de conseguirem dinheiro para sustentar o vício das drogas, seja roubando mercadorias de outros ambulantes, outras vezes roubando o pessoal que passa nos carros, enfim, e isso acaba por manchar a reputação dos ambulantes no todo, uma vez que as pessoas podem se influenciar e acreditar que todos ali são ladrões. É perceptível que ao longo do tempo esses ambulantes tiveram que se acostumar com essa situação, pois é decorrente da própria organização interna deles, já que existem pessoas misturadas a eles com outros interesses.

A questão é que a maioria, a maioria, a grande maioria é viciado como tem facilidade de ganhar dinheiro ganha ali ai vai gastar na noitada vai pro vicio das drogas ai queima todo mundo. [...] no mundo do ambulante tem muita coisa, tem ladrão no meio do camelo, tem bandido no meio do camelo tudo mesmo, tudo junto, é igual a todo canto. Trabalho na empresa na empresa tem um cara que ta pra trabalhar, outro que ta pra roubar a empresa é igual a todos os outros trabalhos. (ENTREVISTADO I)

O entrevistado colocou também a existência de preconceito em relação aos vendedores que são de um ponto, num determinado local, e vão trabalhar em outro ponto.

O ambulante que trabalha no engarrafamento ele vive rodando. Os grupos são um pouco fechados, existem trabalhadores de Maracanã, que são cadastrados, os de praia, os de sinal, os que têm ponto fixo e os de engarrafamento. Se você sair da Linha Amarela, por exemplo, para ir trabalhar na Lagoa é preciso ter conhecidos lá, senão pode haver brigas. Dentro da própria comunidade existe certa organização entre os ambulantes, os que trabalham na linha Amarela não gostam de vender na linha Vermelha porque não se sentem bem, e uns também não gostam. (entrevistado)

Foi observado pelos entrevistados que houve um aumento considerável do quantitativo de ambulantes nos últimos tempos, principalmente de crianças trabalhando na pista.

Aumentou mil por cento, não é nem cem por cento. Na linha Amarela trabalhava quinze camelô agora trabalha cem... cem, cento e cinquenta. Muita criança, muita criança.(ENTREVISTADO I)

[...] Muitos é, bota o filho pra ir trabalhar, que não tem obrigação né, quem tem obrigação é os pais né, criança com dez, doze ano, fazer o que na pista”.[...] Muitos é, bota o filho pra ir trabalhar, que não tem obrigação né, quem tem obrigação é os pais né, criança com dez, doze ano, fazer o que na pista. (ENTREVISTADO II)

O entrevistado observa que esse aumento, não influencia a diminuição da renda, o que muda é a quantidade de trabalho.

O trabalho aumentou, não diminuiu a renda não, o trabalho aumentou. Porque ai você tem que procurar outros meios de trabalhar, no caso eu trabalhava só com biscoito agora trabalho com bandeira to investindo em outras mercadorias. Tem que trabalhar final de semana, o trabalho aumentou, a renda continua a mesma [...] (ENTREVISTADO I)

O grande número de ambulantes é facilitado pelo fato de não haver fiscalização uma vez que não são fixos, como os do Centro da cidade, que inclusive sofrem com as operações do choque de ordem. Uma possível solução apontada pelo entrevistado é que se eles fossem regularizados esse quantitativo de crianças trabalhando diminuiria consideravelmente. Além disso, com uma possível regularização, ele acredita que os ambulantes teriam mais segurança e assistência

Não porque *agente não somos camelo fixo*, embora eu já *tenho* quine anos ali, mas não é considerado fixo porque essa hora não ta engarrado, então eles não vão ficar atrás da gente, só se fosse o dia todo que nem camelô do centro da cidade que fica o dia todo com barraca..(ENTREVISTADO I)

Regularizar... Seria ate melhor, porque se pelo menos fosse regularizado é essas criança não estaria lá, só os adulto né que são responsáveis e você teria mais segurança né, num acidente, você ia ta na sua autonomia, no caso né, poderia pagar sua autonomia e teria mais segurança. (ENTREVISTADO II)

Outro comentário foi em relação à compra de mercadoria. Existe agora, na comunidade, uma loja de venda do biscoito Globo, uma das principais mercadorias vendidas na pista. Isso é importante porque antes esse biscoito só era vendido na Cidade, as pessoas tinham que chegar bem cedo e enfrentavam fila para conseguir comprar, saindo de casa por volta de quatro horas da manhã. Agora com a presença deste depósito facilitou a compra desta mercadoria. O entrevistado apresentou preocupação em relação a este assunto e comentou que agora as pessoas se entusiasmaram mais para vender biscoitos, aumentando a concorrência na pista.

Pra facilitar eu não sei nem se é pra facilitar. Porque atrasou, porque ai todo mundo que vê biscoito acha que você *tá* ficando milionário, ta todo mundo vendendo biscoito

e não é bem assim. Pra você ganhar uma grana você tem que trabalhar muito não é pouco não. (ENTREVISTADO I)

Ao ser perguntado em relação à existência de uma Associação de Ambulantes foi comentado que apesar de existir um número significativo desses vendedores na comunidade, eles não estão organizados em uma associação. Ocorreu uma tentativa de criação desse órgão, porém foi fracassada, como contou um dos entrevistados. *“Já tentei fazer, mas não aceitaram aqui. Eu mesmo tentei botar colete porque na época dos assalto ai a policia mesmo que deu essa idéia.”* Era uma forma de organizar para que os ambulantes com colete se diferenciasssem dos marginais. Contudo, os trabalhadores não aceitaram, pois era um acordo que iria envolver políticos, policiais e inclusive bandidos, então a população desaprovou e o projeto foi abandonado.

Quando perguntado o que era saúde e como eles avaliavam seu estado de saúde os entrevistados responderam:

Na minha vida? Alimentação, treino, que eu treino, sou professor de taikendo. Alimentação e treino. [...] Noventa por cento, não é cem por cento por causa da alimentação, às vezes come fritura, refrigerante e outras coisas (ENTREVISTADO I)

Saúde pra mim é tudo né, eu acho né, acho que pra todos nós também né. Viver com saúde é muito bom né. Eu acho né, pra mim é. Enquanto não aparece a doença né. Eu pelo menos me sinto com saúde, que eu não sinto nada graças a Deus. As, de vez em quando dá uma do de cabeça quando bebe umas cervejas, ai no outro dia amanhece com umas dores de cabeça né, ressaca. Minha pressão é boa. [...]Eu acho que tenho boa saúde (ENTREVISTADO II)

Percebe-se que na primeira entrevista o conceito ampliado de saúde não está totalmente fixado, mas ele consegue relacionar saúde com um estado físico e mental de boa qualidade, uma vez que se preocupa em ter uma boa alimentação e com a prática de esporte. Para o segundo entrevistado, a saúde está relacionada à ausência de doenças. Nesse caso, que pode servir de exemplo para outros ambulantes, percebe-se que o conceito ampliado de saúde está fora da realidade dessas pessoas, contribuindo para que elas não tenham o pensamento de que a saúde está para muito mais além da falta de doença, é um total estado de bem estar social e mental.

Foi Observado também pelo entrevistado a não utilização de protetor solar enquanto trabalha no trânsito, e que ele apenas presta atenção nos carros, nas motos para não ser atropelado. Um dos entrevistados, afirma não utilizar protetor solar no engarrafamento porque é pouco tempo que fica exposto.

Na pista não, na pista não porque é pouco tempo de engarrafamento também. É da parte da manhã de sete às dez horas da manhã e a parte da tarde que começa quatro horas, às vezes começa antes, mas geralmente é de quatro as oito. (Entrevistado I)

Quando perguntado sobre os acidentes, foi mencionado que os atropelamentos ocorrem pelo menos uma vez por mês, segundo dados das entrevistas, devido ao fato dos trabalhadores quando chamados pelos “carros” saírem correndo e não vêem as motos e os outros automóveis que estão passando na hora, assim acabam sendo atropelados. O perigo de acidente também é tido como uma dificuldade encontrada pelos ambulantes, O atropelamento é o único risco encontrado por esse ambulante. Ou seja, os outros perigos como a exposição ao sol, a inalação da fumaça dos carros, o peso das mercadorias, são deixados de lado.

Já, já socorri muita gente aqui. Quinze anos no engarrafamento já vi muita gente morre na minha frente... De camelô, muita gente.[...] Considero, muito (arriscada). Mas no engarrafamento, o perigo de ser atropelado, noventa por cento dos camelos já foram atropelados eu dei a sorte de nunca ter sido atropelado, mas tem que ficar de olho. (ENTREVISTADO I)

As vezes você ta no meio da pista vem um motoqueiro, tem outros que não, vê você na pista ai freia, tem outros que não joga a moto pra cima de tu. É é tem, tem uns motoqueiro que faz isso. Carro não, carro respeita a gente, mas motoqueiro não, alguns não. Os carros não, os carros respeita a gente, de longe eles ta vendo a gente e agente ta vendo eles. Então... eles já diminuem a velocidade, agora os motoqueiros, alguns acelera, pra jogar em cima da gente, quebra o nosso isopor, derruba o nosso biscoito no chão. [...]“É, é só por causa disso. O resto não tem perigo nenhum, não tem perigo de assalto, não tem perigo de nada, perigo é só isso, de ser atropelada que pode acontecer”. (ENTREVISTADO II)

Em relação ao final de um dia de trabalho os ambulantes se sentem:

Me sinto bem, as vezes chateado porque *num* consegue vender direito.[...] Estresse quando não ta vendendo, estresse só quando não ta vendendo, só quando não ta vendendo, quando ta vendendo não tem estresse. Você pode andar o dia todo em qualquer canto, na praia, ta vendendo você não tem estresse.(ENTREVISTADO I)

Não, não depois que eu sento e descanso e começo a ler jornal o cansaço vai embora. Mas cansa porque anda muito né cansa. [...] É o cansaço da rotina né. Sinto um pouquinho de cansaço né, tomo um banho depois vo e janto, descansar a janta vendo televisão e vo dormir. O que eu faço muito é ler jornal, que eu leio jornal de noite né.(ENTREVISTADO II)

3 DISCUSSÃO

O trabalho informal está muito presente no dia a dia. As pessoas cada vez mais criam ou procuram formas de sobrevivência na sociedade em que vivem para poder se manter. No Complexo da Maré não é diferente. Desde a construção da Linha vermelha e da Linha Amarela existiam ambulantes na Maré, porém, ao longo dos anos, com o desemprego em alta, baixos salários e a procura por um trabalho que oferecesse uma maior liberdade, fizeram com que houvesse um aumento significativo no quantitativo desses trabalhadores. Alguns deles não trabalham somente na “pista”, trabalham em estádios de futebol ou nas praias. Durante as entrevistas, os ambulantes disseram escolher essa profissão porque tem mais liberdade e também porque o retorno financeiro é melhor que outras profissões. Isso evidencia o ponto de vista de Salvitti et al apud Ferreti (1998) de que o processo de escolha ou não-escolha profissional dá-se através de diferentes níveis de liberdade do indivíduo, de acordo com múltiplos determinantes.

Esses ambulantes trabalham em meio a diversos riscos, que podem afetar sua saúde. De acordo com a Norma regulamentadora NR5, é possível classificar os agentes de risco: agentes físicos, químicos, biológicos, ergonômicos, agentes causadores de acidentes e os agentes psicossociais, este último, mesmo não participando da NR5 é considerado muito importante.

Essa classificação é feita pela divisão em grupos:

O primeiro é composto pelos agentes físicos, ruídos, vibrações, radiações ionizantes, radiações não ionizantes, frio, calor, pressões anormais, umidade; o segundo grupo é formado pelos agentes químicos, poeira, fumos, névoa, neblinas, gases, vapores e substâncias químicas em geral; o terceiro é o dos agentes biológicos, vírus, bactérias, protozoários, fungos, parasitas, bacilos; os agentes ergonômicos fazem parte do quarto grupo, caracterizando os esforços físicos intensos, levantamento e transporte manual de peso, postura inadequada, controle rígido de produtividade, ritmos excessivos, trabalho em turno e noturno, jornadas de trabalho longas, monotonia e repetitividade, ocasiões que produzam stress físicos ou psíquicos; o quinto grupo, dos agentes causadores de acidentes se caracteriza pelo arranjo físico inadequado, máquinas e equipamentos sem proteção, ferramentas inadequadas, iluminação inadequada, eletricidade, probabilidade de incêndio, armazenagem inadequadas, animais peçonhentos, outras situações de risco que poderão contribuir para a ocorrência de acidentes, e por fim, os agentes psicossociais que não fazem parte de um grupo, mas são importantes e se caracterizam por uma qualidade de vida inadequada, salário, alimentação, relações pessoais etc. ausência de creche na empresa, tempo demandado no transporte de ida e volta, outros. (COSTA et al, 2005,p.16,17)

Os agentes químicos podem produzir danos à saúde a curto, médio e longo prazo, através da inalação, absorção dérmica ou ingestão. A inalação é a forma mais rápida de absorção pelos pulmões, das substâncias químicas. A absorção dérmica ocorre através do

contato dessas substâncias com a pele, e a ingestão, geralmente acidental, acontece devido ao descuido das normas de higiene e segurança. Existem outros agentes de risco, como temperatura, ruídos, agentes ergonômicos e radiações a que esses ambulantes estão expostos no seu dia a dia de trabalho. (Costa e Costa, 2005)

Segundo dados do INEA, Instituto Estadual do Ambiente, a região Metropolitana do Rio de Janeiro apresenta a maior densidade demográfica do país, com a segunda maior concentração de população, veículos, de indústrias e de fontes emissoras de poluentes do país, contribuindo assim para o aumento da poluição do ar. O tráfego de veículos é o responsável por 77% da emissão dos gases poluentes, fato que se agrava com os grandes congestionamentos que ocorrem nessa região, como os da linha Amarela, Vermelha, Avenida Brasil, entre outros.

Entre os poluentes indicadores da qualidade do ar atmosférico temos o monóxido de Carbono (CO) liberado pelos carros. A exposição a esse poluente prejudica o transporte de oxigênio no sangue, pode diminuir os reflexos, a capacidade visual e também a capacidade de prever intervalos de tempo. Além do CO, as poeiras que ficam em suspensão no ar, reduzem a capacidade do sistema respiratório remover as partículas do ar, retendo-as nos pulmões, essas poeiras, portanto aumentam os efeitos dos gases encontrados no ar. (INEA)

Os ambulantes do complexo da Maré, por trabalharem em um local de grande circulação de transporte, estão expostos, diariamente, as fumaças que saem desses automóveis. E essa fumaça tem uma grande quantidade de monóxido de Carbono, muito prejudicial à saúde, não só desses trabalhadores, mas também de toda população, uma vez que é um poluidor do ar atmosférico. Como estes trabalhadores circulam no meio desses carros, seu contato com essa fumaça e com as poeiras suspensas no ar se torna muito maior e os danos também podem se tornar mais representativos ao longo do tempo para esses ambulantes.

Ao serem entrevistados, os ambulantes afirmaram não utilizar equipamentos que protejam a via respiratória. Inclusive, o segundo entrevistado quando questionado se tinha algum problema de saúde respondeu que não. Apenas se queixou de que às vezes sente uma tosse, mas não se sentia incomodado e para minimizá-la bebia um copo de leite. Neste caso, o adequado seria a utilização de algum tipo de máscara capaz de minimizar os efeitos da poluição do ar no local de trabalho deles. Sabemos que o meio de divulgação das mercadorias é a voz, a utilização de uma máscara, provavelmente, poderia prejudicar a venda desses ambulantes.

O segundo entrevistado afirmou não usar protetor solar, disse que se protegia do sol apenas com o uso de um boné. O entrevistado I disse que só utilizava protetor solar quando se lembrava de passar. De acordo com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Dermatológica apud Costa e Costa ao se exporem ao sol intenso, esses trabalhadores podem acabar tendo a ocorrência de problemas relacionados à pele, como envelhecimento precoce e o câncer de pele, por não se protegerem de maneira adequada. A utilização e escolha do protetor solar variam de pessoa para pessoa, dependendo do tom de pele e ele deve ser usado todos os dias, mesmo quando estiver nublado, pois protege a pele contra a queimadura solar.

Os ruídos são caracterizados por um som que incomoda, e a exposição prolongada a eles podem gerar danos a saúde. Esses danos são representados pela perda auditiva, ocorrência de problemas respiratórios, cardiovasculares, digestivos, visuais. Além desses danos tem-se também um aumento do cansaço, insônia e estresse. Os ambulantes deveriam utilizar protetores auriculares, Existem os do tipo abafador ou do tipo plug, uma espécie de tampão. Como nas linhas vermelha e amarela os ruídos são bem altos, o ideal seria a utilização simultânea desses equipamentos de proteção individual. (Costa e Costa, 2005)

Os ambulantes vendem biscoitos, chocolates, bebidas, pipocas, peles, bandeiras de times de futebol, enfim são diversos os produtos. Transportam as mercadorias sem auxílio de um carinho ou algo semelhante. O isopor cheio de bebidas é carregado com uma alça, forçando o ombro dos ambulantes. O peso dos produtos e o movimento de abaixar e levantar para pegar a mercadoria e dar ao cliente, provavelmente, ao longo do tempo pode estimular problemas na coluna e em outras partes do corpo.

4 CONCLUSÃO

Como existe um número expressivo desses trabalhadores, seria propícia uma atuação das autoridades para legalizá-los e poder ofertar condições e ferramentas de trabalho que contribuam para a valorização da vida desses trabalhadores durante o exercício de suas funções no engarrafamento. Durante as entrevistas foi ressaltado como rotineiro o trabalho de crianças como ambulantes. Diante disto, é preciso uma atuação mais efetiva das autoridades, o Conselho Tutelar/ Ministério Público, para acabar com o trabalho infantil, nesse caso, como vendedores ambulantes.

Foi muito importante a elaboração deste trabalho, pois foi possível entender um pouco sobre o processo de trabalho destes ambulantes, bem como suas percepções perante a questão da saúde, dos riscos, dos preconceitos e dos motivos que os fizeram ambulantes. Foram entrevistados apenas dois ambulantes, devido a isso não seja possível generalizar as informações fornecidas por estes para todos os outros ambulantes da Maré. Porém, não dá para negar os riscos evidentes que esses trabalhadores convivem diariamente. Essa experiência nos faz refletir sobre a importância desta forma de trabalho e como ela está presente em nosso dia-a-dia, e muitas das vezes não damos a devida atenção.

REFERÊNCIAS

- CLEPS, Geisa Daise G. **Comércio informal e a produção do espaço urbano em Uberlândia** (MG). Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2009.
- MELO. H.P e TELES. J.L. **Serviços e informalidade: o comércio ambulante no Rio de Janeiro**. Texto para discussão n° 773, Rio de Janeiro/IPEA 2000.
- MENDES, Délio. Milton Santos: Por uma outra globalização-a de todos. **Revista Política Democrática**, Brasília, Ano 1, n.2, p.191-197, 2001.
- MENEZES, Willian Guedes M.D. **A questão do ambulante**. A teoria dos dois circuitos econômicos como ferramenta útil e necessária para a compreensão dos espaços subdesenvolvidos. Estudante de graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista Milton Santos do grupo de pesquisa Produção do Espaço Urbano (PEU).
- MINAYO, C.S. GOMES, S.F.D. **Pesquisa Social, Teoria, método e criatividade**. 29° Ed. Petrópolis. RJ. Vozes, 2010.
- MUNIZ Y.C. **A relação dos riscos envolvidos no processo de trabalho e a saúde do trabalhador ambulante**. Projeto apresentado para a conclusão do Ensino Médio e curso Técnico de Vigilância Sanitária e Saúde Ambiental. Rio de Janeiro/FIOCRUZ 2006.
- SALVITTI, Adriana et al. O trabalho do camelô: trajetória profissional e cotidiano. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, vol.2, p. 1-23, 1999.
- VIEIRA, Antônio Carlos Pinto. **Histórico da Maré**. Rio de Janeiro: Rede Memória da Maré, [20--].
- MARÉ, Redes de Desenvolvimento da, 2011, Disponível em: <<http://www.redesdamare.org.br/>>. Acesso em: 12 dez 2011.
- RIO DE JANEIRO, **Blog da Coordenadoria de Saúde da Área de Planejamento 3.1 (CAP 3.1) da Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil** do. 2011. <<http://cap31.blogspot.com/2011/07/mapa-da-ap-31-com-populacao-atualizada.html>> Acesso em: 12 dez 2011
- RIO DE JANEIRO, Governo do, **Instituto Estadual do Ambiente**, 2011, Disponível em: <http://www.inea.rj.gov.br/fma/qualidade-ar.asp>. Acesso em: 13 dez 2011.
- KITAMURA, C.K, MIRANDA, M, FILHO, V.R. **O COMÉRCIO E SERVIÇOS AMBULANTES: uma discussão**. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/viewFile/10470/6239>> Acesso em: 12 dez 2011.
- POCHMANN, Marcio. O Emprego na Globalização. Editora Boitempo, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário

Roteiro de Entrevista

- 01) Nome do entrevistado.
- 02) Idade / Sexo / Estado civil.
- 03) Qual a sua escolaridade?
- 04) É morador(a) do Complexo da Maré? Quanto tempo? Local onde mora?
- 05) Tem filhos? Quantos?
- 06) Quantas pessoas moram com você?
- 07) Destas pessoas, quantas trabalham?
- 08) Quais os motivos que o (a) levou a trabalhar como ambulante? Há quanto tempo?
- 09) Qual o local do seu trabalho? Por que o escolheu?
- 10) Em qual período o (a) senhor (a) trabalha? Por quê?
- 11) Você gosta do seu trabalho? Por quê?
- 12) Se pudesse mudaria de emprego? Por quê?
- 13) Já trabalhou de carteira assinada?
- 14) Contribui para a previdência? Por quê?
- 15) O(A) senhor(a) já percebeu preconceito por ser trabalhador ambulante?
- 16) O(a) que o senhor(a) faz nos fins de semana?
- 17) O que é saúde para o(a) senhor(a) ?
- 18) Como o(a) senhor(a) avalia sua saúde?
- 19) Quais as dificuldades que enfrenta no seu trabalho?
- 20) O senhor realiza algum tipo de cuidado enquanto trabalha? Qual? Por quê?
- 21) Costumar ir ao médico? Por quê?
- 22) O(a) senhor(a) tem algum problema de saúde? Qual? Sabe o motivo?
- 23) Ao final do dia de trabalho como o(a) senhor(a) se sente?
- 24) O senhor faz uso de algum medicamento regularmente? Por que motivo?
- 25) Considera sua profissão arriscada? Por quê?
- 26) O(a) senhor(a) realiza algum tipo de lazer? Em que período?